

Modernidade de uma idéia

Brasília completou, ontem, 34 anos sem grandes comemorações. Na verdade, não havia motivos ou pretextos para grandes festividades. A afirmação, entretanto, não deve ser mal entendida: é que a data, sem se beneficiar da mística dos grandes números ou dos chamados números redondos, assume um caráter um tanto trivial. Não há motivos para arrependimentos ou lamentações, como gostariam uns poucos saudosistas e demagogos, nem para promoções extraordinárias que, pelos custos inevitavelmente envolvidos, soariam mais como acinte do que como manifestação de júbilo.

As condições nacionais, hoje inteiramente diversas daquelas que cercaram o processo de construção da nova capital, são um fator decisivo na postura das pessoas em relação a Brasília e a outros elementos associados a tudo que possa ser identificado como parte de um projeto nacional. O aniversário da cidade talvez seja um bom momento para uma reflexão a respeito do significado da cidade para seus moradores e para os brasileiros em geral.

Aos 34 anos, a cidade encontra-se no início de uma maturidade ambígua: já está suficientemente distante de sua fundação para não ter ilusões. Perdeu a ingenuidade. Está, contudo, muito longe do que se poderia considerar como a "terceira idade". Brasília está, sob diversos aspectos, em seu apogeu. Trata-se de uma fase crítica. Precisa fazer muitos ajustes, repensar seu papel, corrigir os equívocos cometidos no passado e que hoje começam a aparecer com nitidez ao mesmo tempo em que a distância já permite que sejam analisados sem paixão.

A autonomia política e econômica que — da mesma forma que ocorre com os indivíduos — só será assegurada na medida em que a cidade passe a ter rendimentos próprios superando sua dependência em relação à administração federal é um dos aspectos da questão. Outros são decorrência do crescimento da cidade (mais rápido que o

previsto) e de elementos que não poderiam ter sido identificados na década de 50. A situação das satélites e do Entorno e a necessidade do metrô são alguns exemplos. De nada serve condenar o passado. A comparação entre o presente e os tempos idos não é um julgamento inútil. Trata-se de um exercício, entretanto, que ganha sentido quando permite que se identifique o que mudou e por que mudou a fim de melhor realizar as correções necessárias.

Seria uma atitude demencial, neste final de século, que os brasileiros — a maioria sequer nascida ao tempo em que a decisão de construir a nova capital foi tomada — se comportassem com a ingenuidade e até certo ponto com a inconseqüência dos anos 50. É curioso e ilustrativo, a esse respeito, ver documentários e filmes da época. Não há quem não se imagine caindo no ridículo se adotasse, hoje, as atitudes de então, embora naquele tempo fossem absolutamente naturais. Isso não vale só para os brasileiros. Mostre-se filmes da época a norte-americanos ou europeus e eles não esconderão os sorrisos um tanto constrangidos. Isso não significa cair no negativismo ou que a solução seja adotar uma atitude cínica diante das coisas.

Os brasileiros e os brasilienses não devem se deixar escravizar pelo que Brasília é ou significa. Nosso compromisso é com o nosso tempo, não com a década de 50. Por isso, não temos obrigação alguma de achar que construindo uma cidade moderna modernizaremos o País ou estaremos fundando a civilização do futuro conforme a oportuna profecia atribuída a Dom Bosco. Também não temos por que achar que não há nada a fazer e que este País "não tem jeito", já que nem o desenvolvimentismo de JK resolveu problemas estruturais. Talvez a modernidade atual de Brasília seja precisamente a idéia de que é preciso agir, é preciso mudar, sem a ilusão de que, em cinco anos estaremos mudando uma realidade de quase meio milênio.